

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GERALDO DONIZETE BANHARA

A NARRATIVA ORAL NA PRODUÇÃO DE VÍDEOS COMO UMA
ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

CURITIBA

2010

GERALDO DONIZETE BANHARA

A NARRATIVA ORAL NA PRODUÇÃO DE VÍDEOS COMO UMA
ESTRATÉGIA EDUCATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Mídias Integradas a
Educação, do Setor de Educação a
Distância da UFPR, como requisito à
obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof^o. Daniel Christian
Henrique

CURITIBA

Sumário

1 - INTRODUÇÃO	4
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
3 - A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA VIVA ESCOLA NO COLEGIO ESTADUAL LUCIA ALVES DE O. SCHOFFEN.....	8
3.1 Relação do material utilizado para a montagem da experiência.....	10
3.2 Procedimento experimental	10
4 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS	17
5 – DEPOIMENTOS DOS ALUNOS	19
6 – CONCLUSÃO DO ESTUDO	20
7 – REFERÊNCIAS.....	20

1 - INTRODUÇÃO

O bordão “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça” dito por Glauber Rocha na década de 70 demonstra que para democratizar a produção de vídeos não precisa de um grande aparato audiovisual, mas sim uma intenção e uma câmera, atitude que hoje em dia pode ser realizada por qualquer pessoa que tenha um celular com câmera, uma câmera digital ou de vídeo.

Vivemos atualmente cercados por crianças, adolescentes e jovens que estão rodeados por esses aparatos tecnológicos, portanto a produção de vídeos se popularizou. Todos os momentos são registrados e colocados a disposição em sites de relacionamentos. Dentre esses usuários mais interessados estão muitos adolescentes e jovens que são nossos alunos e que são os que mais se identificam com todo tipo de aparato midiático.

Diante de tantos aparatos tecnológicos que temos hoje a nossa disposição e acreditando que essas ferramentas possam ser utilizadas como instrumentos que contribuam de fato para o processo de ensino-aprendizagem é que resolveu-se desenvolver este trabalho, cujo principal objetivo é aliar os conhecimentos adquiridos na disciplina de história com a produção de um vídeo documentário que resgate a história do município através da técnica de memória/história local, refletindo a lembrança dos moradores sobre a própria cidade, suas famílias, infância, trabalho, credo, tradições e origens e nessa busca por novas formas de ensinar, de modo a envolver o aluno nesse processo de ensino-aprendizagem, favorecendo sua participação, é que pensamos na utilização de recursos áudios-visuais se torna um instrumental que contribui para a aprendizagem. Por ser um recurso didático que pode ser utilizado por todas as áreas do currículo escolar, favorece uma abordagem histórica possibilitando a socialização do conhecimento científico e artístico que vem favorecer a comunidade escolar, pois alia o conhecimento histórico e o prazer em aprender utilizando-se aquilo que a maioria dos jovens mais gosta: a tecnologia.

Monbeig (1956, pg.20) afirma que “para um mundo moderno convém um ensino moderno. A evolução do ensino nesse sentido é facilitada pelos contactos de todo o gênero que tem a mocidade com os problemas do dia. A conversação com e em família e alguns meios, o rádio, a televisão, os jornais, as atualidades

cinematográficas mergulham os jovens, nesse banho de inquietação. Não é fácil ao professor aproveitar-se disso para animar o seu ensino. Os alunos encontrarão aí uma prova de que a vida não para na porta da classe, a qual deixará de ser um meio artificial”.

Nesta escrita apresentaremos alguns aspectos sobre a importância da história oral e memória e de como a tecnologia pode contribuir para sua valorização e registro.

Será descrito os resultados e análises da intervenção pedagógica realizada no Colégio Estadual Lúcia Alves de Oliveira Schoffen, através do Programa Viva Escola da SEED/PR. e a contribuição do uso de mídias através da produção de vídeo documentário no ensino de história através do registro de depoimentos orais e das memórias dos colonizadores de Altônia-Pr.

O projeto desenvolvido dentro do Programa Viva Escola intitulou-se “Histórias de Nossa Terra” e teve como objetivo a criação de um documentário juntamente com alunos, onde pudessem compreender quais são os sujeitos e as histórias que formaram nossa identidade e através dessa investigação resgatar através da oralidade essas vivências para que seja constituída uma consciência histórica e despertar nesses estudantes o interesse pela História.

Utilizou-se para realização dessa pesquisa a história oral como metodologia. Apesar de ter surgido recentemente, meados do século XX, ela contribui, pois é um instrumento no qual não tenha uma mudança radical no sentido da pesquisa contribuindo assim com os nossos anseios que é o resgatar através da narrativa oral a voz dos excluídos e dos esquecidos dentro do processo de construção da história local e trazer a todos da comunidade as diferentes visões desses desbravadores, seus valores, suas experiências, favorecendo desse modo, a construção e valorização desses estudantes como participantes da realidade histórica.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta investigação fundamentar-se-á na teoria de Lev Semyonovich Vygotsky, que afirma que a linguagem materializa e constitui as significações construídas no processo social e histórico. Quando as pessoas a tomam como sua, passam a conviver com essas que, por sua vez, servirão de documentos para que possam significar suas vivências, e serão estas significações resultantes que formarão sua consciência, intervindo, desse modo, suas maneiras de sentir, pensar e agir.

Também se fundamentará nos estudos dos especialistas que tem desenvolvido estudos acerca da contribuição para melhoria nas relações de pessoais na escola entre os envolvidos no trabalho de produção de vídeos como também no desenvolvimento de várias habilidades dos alunos, portanto várias especialistas relatam os benefícios educacionais da criação e produção de vídeos pelos alunos, dentre eles podemos apontar:

Moran (1995) escreve que a produção de vídeos na escola contribui para que o aluno possa desenvolver sua maneira de expressar e se comunicar. Nesta mesma linha de pensamento Moreira (2006), diz que os estudantes que desenvolvem esse tipo de atividade podem ampliar seu discurso podendo dessa maneira superar problemas de timidez.

Ao se dedicar a produtos de vídeos, muitos alunos podem tornar-se críticos, pois já possuem algum conhecimento para analisarem as obras que possuem ou vão adquirir ou assistir podendo então tornar-se mais seletivo em relação aos produtos oferecidos pela mídia.

Para Shewbridge & Berge (2004) outro ponto a ser observado é que esse trabalho de produção de vídeo contribui para a integração e valorização do trabalho em grupos desenvolvendo assim uma interação e participação dos alunos e contribuindo assim para que ocorra a participação e interação entre os alunos auxiliando assim para a boa convivência entre os alunos e a troca de experiências, idéias e respeito. Desse modo podem desenvolver uma consciência histórica que leve em conta às diversas práticas dos sujeitos, sem o rigor do conhecimento histórico.

Assim de acordo com o exposto na (DCE-HISTÓRIA: SEED, 2006, p 26), a abordagem local e os conceitos de representação, prática e cultural, apropriação, circularidade cultural e polifonia possibilitam aos alunos e professores a tratar documentos como: imagens, canções, músicas, objetos arqueológicos, entre outros, sob problematizações mais complexas em relação à História tradicional.

Respaldo nos princípios teórico-metodológicos que dão sentidos e contextualizam o ensino de História, o estudo das localidades com suas transformações e contribuições para o processo histórico do contexto nacional, diferentemente estruturada e que passa por transformações históricas – geográficas, implicando nas características do tempo e do espaço que marcam o passado, o presente e o futuro. Estes pressupostos marcam a abordagem de Helena Callai (1998) quando esta afirma que :

“Estudar o município é a oportunidade que o aluno tem para estudar uma sociedade relativamente complexa.” (p.15) E ainda...

“Estudar o município é o exercício teórico – metodológico para trabalhar o espaço e o tempo, possibilitando uma visão mais abrangente sobre os mesmos e sobre um contexto maior.” (p.80)

Para o historiador Christopher Lloyd (1995 apud DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ: HISTÓRIA: SEED, 2006, p. 22), os processos históricos estão articulados em determinadas relações casuais. Os acontecimentos construídos pelas ações e sentidos humanos, em determinado local e tempo, produzem relações humanas que ensejam espaços de atividade relativos aos acontecimentos históricos.

Assim, ao abordar as relações entre desenvolvimento e aprendizagem na concepção de Vygotsky, vimos que:

é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos do indivíduo liga o desenvolvimento da pessoa e sua relação com o ambiente sócio-cultural em que vive e sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos da sua espécie (OLIVEIRA, 1993,p.58).

O professor de História então, deve se apropriar das novas tecnologias a fim de tornar suas aulas instigantes especialmente para os jovens, que têm aceitação elevada da mídia.

Monbeig (1956, pg.20) afirma que “para um mundo moderno convém um ensino moderno. A evolução do ensino nesse sentido é facilitada pelos contactos de todo o gênero que tem a mocidade com os problemas do dia. A conversação com em família e alguns meios, o rádio, a televisão, os jornais, as atualidades cinematográficas mergulham os jovens, nesse banho de inquietação. Não é fácil ao professor aproveitar-se disso para animar o seu ensino. Os alunos encontrarão aí uma prova de que a vida não para na porta da classe, a qual deixará de ser um meio artificial”.

De acordo com Libâneo (2001) "é necessário valorizar a escola na sua função mediadora entre o aluno e o mundo da cultura, integrando racionalmente, o material/formal do ensino aos movimentos estruturados que visam a transformação da sociedade, com base na pedagogia crítico-social dos conteúdos culturais".

Na concepção de Vygotsky, o professor é um mediador nesse processo ao trabalhar com a linguagem histórica, ao propiciar a negociação/apropriação de significados. Por isso deve ter uma cultura geral bastante significativa. Um professor que adota o pensamento vigotskiano para referenciar seu trabalho pedagógico e didático, deve ter, acima de tudo, uma excelente formação geral.

3 - A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA VIVA ESCOLA NO COLEGIO ESTADUAL LUCIA ALVES DE O. SCHOFFEN.

Tudo começou motivado pelo filme: Narradores de Javé, um filme sobre memória, História e exclusão e a necessidade de registrar as memórias dos desbravadores de nosso município, pois com o tempo nossa memória oral estava sendo enterrada, perdida com o desaparecimento desses colonizadores.

A idéia de eternizar as memórias e os acontecimentos tão importantes para nossa História Local se concretizou a partir do momento em que a SEED -

Secretaria de Estado da Educação do Paraná, visando a expansão de atividades pedagógicas realizadas na escola como complementação curricular, vinculadas ao Projeto Político Pedagógico, a fim de atender às especificidades da formação do aluno e de sua realidade elaborou o Programa Viva a Escola através de Atividades Pedagógicas de Complementação Curricular com os objetivos de dar condições para que os profissionais da educação, os educandos da Rede Pública Estadual e a comunidade escolar, desenvolvam diferentes atividades pedagógicas no estabelecimento de ensino no qual estão vinculados, além do turno escolar viabilizando o acesso, permanência e participação dos educandos em atividades pedagógicas de seu interesse possibilitando aos educandos maior integração na comunidade escolar, fazendo a interação com colegas, professores e comunidade.(Documento síntese Programa Viva Escola SEED/Pr.).

Assim, ao se utilizar dos depoimentos, objetos, fotografias e da memória pode-se construir um conhecimento que possibilitara uma nova forma de pensar a sociedade em que se vive e dar maior sentido a sua realidade histórica a partir da resignificação do conhecimento histórico.

O Colégio Estadual Lucia Alves de Oliveira Schoffen, localizado no município de Altônia /Pr., é uma escola rede pública estadual paranaense e que teve selecionado para participar do Programa Viva Escola.

Partindo das experiências vividas pelos estudantes do projeto nessa escola, procuraremos relatar quais foram os caminhos percorridos para o desenvolvimento do programa baseado no ensino de História Oral e na produção de um audiovisual que resgatasse através de narrativas as experiências vividas pelos desbravadores durante o processo de formação do município de Altônia.

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizou semanalmente carga horária de quatro horas aulas para a pesquisa e uma aula hora atividade para o planejamento e organização das atividades sendo um total de cinco aulas com as atividades realizadas sempre no período de contra turno, ou seja, no período da tarde.

Participaram inicialmente 20 estudantes de 5ª e 8ª séries com idades entre 10 e 13 anos, com o decorrer das atividades alguns desistiram, pois não se enquadraram no perfil do aluno exigido para desenvolver as atividades propostas, ao

encerrar as atividades o projeto contava com 14 alunos .Estará disponível durante todo o projeto uma professora pedagoga para dar suporte as necessidades do trabalho.

3.1 Relação do material utilizado para a montagem da experiência.

Todo material a ser utilizado para o desenvolvimento do projeto de pesquisa será disponibilizado pela SEED de acordo com programa. Estará disponível no Laboratório de Informática computadores conectados a Internet. Serão utilizados programas multimídia para a produção e edição dos vídeos, também programas que compilam uma linguagem computacional voltada para internet. Livros, apostilas e tutoriais auxiliarão na aprendizagem dos programas. Também disporemos de aparelho de DVD, som e data show e uma sala para o desenvolvimento das atividades.

Será utilizado o programa Movie Maker para o desenvolvimento da edição de vídeos, devido sua versatilidade. Para registros de imagens utilizou-se câmera fotografia que faz vídeo, para gravação de voz serão utilizados celulares e MP3 dos próprios alunos.

3.2 Procedimento experimental

Inicialmente os alunos participaram de uma série de oficinas onde foram trabalhadas algumas metodologias para se desenvolver o trabalho dentro da proposta da História Oral e a produção de vídeo.



FIG. 1 – alunos participantes do projeto junto a uma entrevistada.

Na primeira oficina realizada optou-se por utilizar o filme *Narrador de Javé*, da cineasta Elaine Caffé, que retrata uma comunidade local e seu papel no resgate da memória local para transformá-la em escrita e dessa formar lutar pela preservação do local onde viviam, pois o mesmo daria lugar a uma hidrelétrica.

Antes da exibição trabalhou-se a importância de observarem e apontarem as dúvidas para posterior discussão ou esclarecimento. Após a exibição do filme algumas questões foram levantadas pelos alunos sobre os conceitos de memória e oralidade. Pode-se então trabalhar sobre a origem da história oral como metodologia e conhecê-la, conforme citado abaixo:

“A história oral foi instituída em 1948 como uma técnica moderna de documentação histórica, quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana.”

(Oral History Association – EUA; citado por THOMPSON, 1992:89)

A partir das observações dos alunos buscou-se levar ao conhecimento que memória e tudo que você faz, torna-se importante e então fica guardado e pode ser recordado, dessa forma temos que entender que memória é algo muito seletivo ficando somente guardados fatos ou acontecimentos importantes.

O historiador Le Goff deixa muito claro em seu livro História e Memória que um mesmo fato pode se observar diferentes visões para um mesmo fato, pois cada pessoa em especial os desbravadores de um local têm para si o papel de guardião dos acontecimentos e isso se torna inclusive alvo de disputa pelo poder.

De acordo com que diz o autor acima, isso está bem claro no filme e que também poderíamos encontrar esse tipo de confronto em alguns depoimentos.

Em seu livro A voz do Passado (THOMPSON,1992:44) deixa claro o que vem a ser a história oral :

“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.”

A partir desse conceito trabalhou-se então uma segunda oficina voltada para elaboração do trabalho que se realizaria junto aos antigos moradores. Para criação dessa oficina, utilizaram-se alguns dos ensinamentos apontados no Manual de História Oral, de Verena Alberti do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) é a Escola de Ciências Sociais e História da Fundação Getulio Vargas.

Amparados pelos estudos deste manual criou-se grupos de trabalho com fins específicos para as atividades de campo que realizou-se. Criaram-se três grupos: um de entrevistadores, equipe técnica responsável pelas gravações de som, vídeo e foto e o grupo responsável pelas transcrições das entrevistas. A partir desse momento passamos a trabalhar especificamente com a temática de cada grupo em pequenas oficinas de aprendizagem.

Com os papéis definidos, cada grupo passa então a organizar e preparar as atividades para por em prática o que se tinha aprendido na teoria.

O grupo de entrevistadores definiu que dentro dos colonizadores deveriam eleger os mais antigos e com atividades diferenciadas para conhecerem diversas opiniões, pois segundo o Manual de Historia Oral, o autor Daniel Bertaux esclarece que:

„... há um momento em que as entrevistas acabam por se repetir, seja em seu conteúdo, seja na forma pela qual se constrói a narrativa. Quando as entrevistas realizadas em urna pesquisa de história oral começam a se tornar repetitivas, continuar o trabalho significa aumentar o investimento enquanto o retorno é reduzido, já que se produz cada vez menos informação.

Também com o objetivo de economizar tempo e investimentos, foram traçadas algumas metas nas entrevistas elegendo alguns tópicos que seriam essenciais a produção do documentário e já definidos no roteiro das filmagens.

Definiram-se dessa forma as questões a serem exploradas com todos os entrevistados:

- A chegada;
- As dificuldades;
- A Rainha do café;
- O poder através das eleições;
- Altônia hoje.

Decididos as questões sobre as entrevistas a equipe técnica responsável pelas gravações de som, vídeo e foto responsabilizou pela criação do roteiro do documentário e também pela escolha da sonoplastia e seleção e edição das fotos e imagens para o documentário participou de uma oficina para treinamento de como realizar todo processo de gravação e edição do material que seria produzido.

O objetivo dessa oficina foi capacitar através de atividades práticas os alunos para que eles mesmos pudessem filmar o documentário e editar o documentário, assim como participar de todo o processo de criação, fornecendo elementos para uma alfabetização digital e midiática

Nesta oficina abordaram-se quais seriam os cuidados necessários que deveriam ter durante as filmagens, para isso utilizaram-se vídeos aula selecionados no Youtube. Através dessas aulas puderam conhecer alguns elementos a respeito

da filmagem como enquadramento, iluminação, manuseio da câmera, uso da câmera no tripé e nas mãos, planos, áudio e movimentos de câmera.

A partir dessas aulas teóricas partiu-se para a prática, Os alunos passaram a criar pequenos vídeos no pátio do colégio para exercitarem o que haviam visto nos vídeos. Após as gravações os resultados eram estudados buscando perceber os erros e acertos, o que se podia e não podia ser feito. Também utilizou-se esse vídeos produzidos para trabalhar com a edição através do o MovieMaker (da Microsoft, em sistema operacional Windows). Essa foi a lição mais fácil, pois todos os envolvidos neste processo já conheciam e faziam esse tipo de edição através desse aplicativo, dessa forma tornou-se mais tranqüila essa etapa. Vale ressaltar que todas as etapas desse processo foram realizadas nos próprios computadores dos alunos uma vez que os computadores do laboratório de informática da escola não possuem o programa para edição de vídeo Windows Movie Maker .Esse grupo também responsabilizou pela criação do roteiro.

A equipe de transcrição responsabilizou-se pela todas as entrevistas liberadas eram abertas a consulta na forma de texto, passando pelas etapas de transcrição.

Visando dar melhor qualidade as transcrições o grupo foi alertado que ler e escrever são duas coisas muito ligadas, e que geralmente quem aprende um também aprende o outro e que não são só as letras que podem ser 'lidas', ou seja, compreendidas, também seria importante para o processo de escrita a interpretação e leitura das imagens que seriam recolhidas através de fotos e que essas seriam importantes para a escrita e qualidade de todo material produzido no livro.

Antes de iniciar o trabalho de campo realizou-se ainda uma palestra sobre história regional com o ex-aluno do Colégio e hoje Mestre em História pela UEM, Éder da Silva Novak. Nesta palestra relatou-se o trabalho de pesquisa realizado em seu mestrado na região de Altônia explicando como se deu, a metodologia utilizada em sua pesquisa, o trabalho de campo junto aos moradores da região e suas descobertas em relação aos primitivos habitantes de nossa região e deu-nos informações sobre essa população, sua origem, modo de vida, costumes etc. através da descoberta de vários sítios arqueológicos no município. Esta palestra foi incentivadora e motivadora, dando um ânimo a mais para darmos inicio ao trabalho de campo.

Após o trabalho das oficinas preparativas para os trabalhos o passo seguinte foi o trabalho de campo com as entrevistas. Com o roteiro nas mãos seguimos para as gravações com os colonizados selecionados para participarem do documentário.

Como nossos equipamentos não eram apropriados tínhamos que tomar cuidado na utilização dos mesmos, pois poderíamos ter que refazer todo o trabalho caso não ficasse a contento. Conscientes de que teríamos que fazer o vídeo com os equipamentos disponíveis, e não com os ideais seguimos nosso trabalho.

Vale registrar que fomos sempre muito bem recebidos pelos entrevistados e para eles os depoimentos dados eram uma forma de reconhecimento pelos trabalhos prestados a construção do município de Altônia, isso deu-nos um ânimo a mais para continuarmos com o trabalho.

Porém, durante nosso percurso começam a surgir alguns problemas de ordem técnicas: o vento que atrapalhava a qualidade de áudio, câmera que não funcionava, mas nada que não pudesse ser resolvido. Como já havíamos previsto esses problemas levamos material para substituí-los.

Dentre as várias lições aprendidas durante o processo de implementação do projeto destaca-se a imprevisibilidade durante as entrevistas. Por mais bem preparado que esteja o roteiro e informados sobre o tema a ser explorada na entrevista e sobre os sujeitos muita coisa foge do controle gerando, muitas vezes, uma sensação de falta, de vazio.

Nas entrevistas, percebe-se a apropriação dos fatos pelos sujeitos os transformado muitas vezes alguns acontecimentos em casos pessoais, como por exemplo, o de “Dona” Alzira ao relatar que ao município recebeu o nome de Altônia em homenagem ao seu filho que se chama Antonio e teria sido a primeira criança a nascer nessas terras. Sabe porém que a cidade tem este nome em homenagem ao dona da empresa colonizadora e foi criado numa junção de algumas palavras de **Companhia Alberto Byngton Junior: Altônia.**

Em outras entrevistas, alguns entrevistados introduziram comentários acerca de outros entrevistados tomando para si alguns fatos que até então tinham sido relatados como seus. Diante disso faz-se necessário em muitos casos, rapidamente e de maneira hábil, torná-los interessantes para a compreensão do tema da pesquisa.

Nesse processo, torna-se imprescindível a paciência e habilidade para ouvir cada palavra, a cada frase pronunciada pelo entrevistado: caso contrário, perde-se a oportunidade de fazer uma questão pertinente, um comentário interessante. Outro cuidado que se deve ter e quanto à abordagem ao se fazer uma pergunta, pois a maioria dos entrevistados são pessoas analfabetas e podem ter dificuldades em entender algumas expressões mais rebuscadas, o que dificultaria a comunicação colocando-os em situação de constrangimento prejudicando de certa forma a entrevista.

Nesse período havia certa pressa em concluir o vídeo até o início de outubro, pois fomos convocados a apresentar o projeto no Fera Com Ciência, promovido pela Seed/Pr, que seria no início de novembro.

Iniciou-se a edição do vídeo usando o MovieMaker (partir do roteiro proposto pelos alunos, em computadores próprios (não na escola) devido aos mesmos não permitirem uso de aplicativos . Entretanto devido a urgência em editar o vídeo optou-se pelo uso de um programa profissional de edição de vídeos em um computador com configuração própria para que o trabalho pudesse ser realizado com qualidade. Todo esse processo foi realizado por uma das alunas do projeto que conhecia o programa utilizado. Os alunos se mostraram satisfeitos com o resultado final do documentário.

A primeira exibição do documentário foi feita dias antes da apresentação do documentário no Projeto Fera Com Ciência. Todos os alunos que participam do documentário estavam presentes, após a exibição, os alunos demonstraram ter gostado bastante, tanto de sua participação quanto do fato de terem contribuído para o resgate da história do Município de Altônia.

Após a exibição do documentário e exposição feita pelos alunos durante o Festival Fera Com Ciência, o documentário passou a ser utilizado pelos professores de Língua Portuguesa como material de apoio para a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: “O lugar onde eu vivo”, realizado pelo Ministério da Educação, em parceria com a Fundação Itaú Social e o Cenpec.

Como ações para o futuro pretende-se editar um livro todos os depoimentos e fotos recolhidas durante os trabalhos e o documentário, lançá-los como materiais de

apoio aos professores de Ensino Fundamental I , para isso já iniciamos conversa com a Secretaria de Educação do Município de Altônia.

Também promover-se-á futuramente um encontro entre todos os depoentes e envolvidos na produção do documentário para assistirmos e realizar um debate e análise do material produzido.

Ao encerrarmos os trabalhos, utilizou-se um questionário para saber a opinião dos alunos sobre a produção do vídeo, incidindo sobre as dificuldades e a construção da aprendizagem através da estratégia de ensino utilizada durante a realização dos trabalhos.

4 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

A partir dos dados obtidos pelo questionário foi possível proceder à caracterização do grau de dificuldade e aprendizagem dos alunos, como já referimos.

De seguida, apresentamos os dados obtidos no questionário de opinião.

Tabela 1. Dificuldades encontradas durante as entrevistas. (N=14)

Questões	f	%
Dificuldade em conseguir localizar os entrevistados	02	14,2
Dificuldade em dialogar com os entrevistados	12	85,8
Falta de material apropriado para a realização dos trabalhos	0	0,0

Das principais dificuldades apontadas pelos alunos para o desenvolvimento das entrevistas, após a análise das respostas, (85,8)% refere-se que a maior dificuldade sentida foi dialogar com os entrevistados, (14,2)% revela que conseguir localizar os entrevistados foi a maior dificuldade. Computadores que não aceitavam aplicativos de edição de vídeo durante a edição do documentário foi a maior dificuldade para (78,6)% como outras dificuldades no desenvolvimento do

documentário. Para (21,4)% a falta de material apropriado para a edição do documentário foram referenciados por outros alunos como a maior dificuldade no desenvolvimento do trabalho. [Tabela 2].

Tabela 2. Dificuldades encontradas durante a edição do documentário. (N=14)

Questões	f	%
Falta de material específico para as gravações	0	0,0
Computadores que não aceitavam aplicativos de edição de vídeo	11	78,6
Falta de material apropriado para a edição do documentário	3	21,4

Tabela 3. A realização do vídeo aumentou o meu interesse pela História: (N=7)

Questões	f	%
Sim	11	78,6
Em parte	3	21,4
Não	0	0,0

Dos alunos que realizaram os trabalhos para a criação do documentário (n=14), (78,6)% afirmou que a realização do vídeo aumentou os seus conhecimentos históricos e (21,4)% dos inquiridos mencionou que só em parte a produção vídeo aumentou os seus conhecimentos históricos [Tabela 3].

As questões 4 e 5 referiram-se ao desenvolvimento de competências específicas da aprendizagem em relação a aprendizagem sobre História local/oral e históricos em estudo e a construção do conhecimento que eles obtiveram quando da pesquisa do conteúdo.

Na questão 4, que teve como objetivo sondar a opinião no projeto em relação estratégia de aprendizagem (69,2%), dos alunos consideram facilitadora da aprendizagem enquanto (30,8%), diferente do habitual e melhor do que pensavam inicialmente.

A questão 5, sobre o principal ganho pessoal que em relação ao conhecimento adquirido sobre a história oral/local, todos foram unânimes em apontarem **que ao** utilizaram-se as tecnologias de uma forma profunda, rica e

motivadora puderam obter a informação de fontes diversas, distintas das usuais . Com estas experiências puderam fazer coisas que não eram possíveis fazer dentro da sala de aula tradicional, nomeadamente as investigações realizadas, mostrando-lhes uma perspectiva diferente da História e, desta forma, segundo os alunos, motivou-os para a disciplina.

5 – DEPOIMENTOS DOS ALUNOS

“Eu aprendi sobre a história da minha cidade, como fazer documentários, a dialogar com os mais velhos. Aumentei meu conhecimento sobre a história local e posso contar essa historia para os que não sabem.”

Lucas de Oliveira Santana

“Com as entrevistas feitas houve um conhecimento maior sobre o nosso município, também melhorou a facilidade em me comunicar com as pessoas. Aumentei muito o meu conhecimento, pois antes sabia pouca coisa sobre o município e hoje sei mais sobre ele e posso falar para as pessoas que não sabem parte da história dele.”

Rafael Rodrigues de Souza

“A forma de conversar com as pessoas usando as palavras certas e sabendo como é importante a linguagem adequada. E a educação sempre em primeiro lugar, o privilegio de pode estar lá escutando um pouco da vida dos nossos antepassados uma maneira de ver como pessoas mais velhas são importante m nossas vidas.A gente descobre que coisas mínimas que não dava mínima razão e na verdade é a nossa historia . saber mais além do meu conhecimento, nunca teria sabido tudo o que sei .Esse projeto foi essencial na minha vida. Senti-me orgulhosa de ter tido força e sabedoria pra chega aonde eu cheguei ao Fera Com Ciência!”

Camila Moura

“Aprendi mais sobre a história do nosso município com os mais velhos, também é uma coisa que poderei levar pro futuro, quem sabe para uma Universidade, isso

ajudará muito também em outras entrevistas que eu precisar fazer. Acho que o ganho foi que , posso passar para meus filhos , netos como foi a história de Altônia , e também poderei utilizar em algum projeto que se precisar fazer , usarei os documentos e vídeo que foi criado.”

Thiago Henrique Banhara Silva

“Com esse projeto consegui me soltar mais, perder a timidez e interagir mais com as pessoas entrevistadas. Também a me informar sobre a história e a cultura das antigas populações locais. Aprendi a utilizar mais as tecnologias, e também pude ter conhecimento sobre a história da cidade e valorizá-la por estar sabendo de nossas verdadeiras origens.”

Eloisa Gomes Garcia

6 – CONCLUSÃO DO ESTUDO

A luz da análise das questões verificou-se que a maioria dos alunos levou a sério e com rigor desenvolvendo com eficácia e seriedade aos objetivos propostos pela proposta inicial.

Os achados deste estudo apontam que: as principais dificuldades encontradas pelos alunos para o desenvolvimento das entrevistas foi dialogar com os entrevistados em razão das diferenças, pois a maioria deles eram pessoas analfabetas e podem ter dificuldades em entender algumas expressões mais rebuscadas, o que dificultaria a comunicação colocando-os em situação de constrangimento prejudicando de certa forma a entrevista. Nesse processo, torna-se imprescindível a paciência e habilidade para ouvir cada palavra, a cada frase pronunciada pelo entrevistado.

Durante a edição do documentário os computadores que não aceitavam aplicativos de edição de vídeo optou-se pelo uso de um programa profissional de edição de vídeos em um computador com configuração própria para que o trabalho pudesse ser realizado com qualidade

Para os alunos os trabalhos para a criação do vídeo documentário aumentaram os seus conhecimentos históricos e passaram a entender e gostarem mais da disciplina de História.

O documentário produzido pelos alunos revelou criatividade e dinamismo, apresentando e resgatando os acontecimentos da história oral local eternizando assim para as atuais e futuras gerações acontecimentos que até então estavam “engavetados” nas memórias e que com o tempo poderiam se perder.

Conclui-se desta forma que todo aparato tecnológico que está ao alcance dos professores e dos alunos desde que aplicados de maneira correta podem ser ferramentas inovadoras para o processo de ensino e aprendizagem e assim colaborar para a criação de um papel ativo e eficaz na construção do conhecimento e de uma aprendizagem significativa.

7 – REFERÊNCIAS

MACHADO, A. O Vídeo e sua Linguagem. In: **Pré-Cinemas & Pós-Cinemas – Campinas**: Papyrus, 1997 .

MARTIN, M. **A Linguagem Cinematográfica**, São Paulo: Brasiliense, 1990.

DA-RIN, S. **Espelho Partido – Tradição e Transformação do Documentário**, Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1997, Paz e Terra. São Paulo.

JOLY, M. **Introdução a Análise da Imagem**, Campinas: Papyrus, 2001.

KEHL, M. R. Imaginário e pensamento. In SOUSA, M. W. (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995, pp.169-179.

FÉLIX, Loiva Otero. **História & memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta, 1997.

MORAN, J. M. O Vídeo na Sala de Aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

SHEWBRIDGE, W.; BERGE, Z. L. The role of theory and technology in learning video production: the challenge of change. **International Journal on E-Learning**, 3.1, p. 31-39, jan/mar. 2004.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1990.